

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
CHRIS MARKER – A MEMÓRIA DAS IMAGENS (PARTE 1)
11 E 23 DE NOVEMBRO DE 2024

TOUTE LA MÉMOIRE DU MONDE / 1956

Um filme de **Alain Resnais**

Realização: Alain Resnais / **Textos:** Remo Forlani, dito por Jacques Dumesnil / **Fotografia:** Ghislain Cloquet / **Música:** Maurice Jarre, dirigida por Georges Delerue / **Som:** Estúdios Marignan / **Montagem:** Alain Resnais.

Produção: Pierre Braunberger para Films de La Pleiade / **Cópia:** Digital, preto e branco, falado em francês e legendado eletronicamente em português / **Duração:** 21 minutos / Inédito comercialmente em Portugal. Múltiplas exibições em circuitos culturais nos anos 50 e 60.

SI J'AVAIS QUATRE DROMADAIRES / 1966

Um filme de **Chris Marker**

Realização, Texto, Fotografia, Montagem: Chris Marker / **Som:** Antoine Bonfanti / **Narração:** Pierre Vaneck, Nicolas Yumatov, Catherine Le Couey. **Produção:** Slon Films – Norddeutscher Rundfunk / **Produtores:** Henri Regnier e Claude Joudioux / **Cópia:** DCP, preto e branco, falada em francês com legendagem electrónica em português / **Duração:** 51 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

Nunca tivesse Alain Resnais realizado longa metragem nenhuma e permanecesse apenas como o autor de **Les Statues Meurent Aussi, Nuit et Brouillard** e **Toute la Mémoire du Monde** e já o seu nome não poderia desaparecer da nossa memória. E, pessoalmente, devo confessar uma subjectiva preferência por este último filme, o primeiro em que Resnais explicitamente convoca o tema da memória e nos dá as pistas para o "toda a memória".

Foi produzido para uma das repartições culturais do Quai d'Orsay, em época em que o Ministério dos Negócios Estrangeiros Francês procurou fomentar a feitura de documentários que espalhassem por toda a parte a grandeza de algumas das maiores instituições culturais de França. "La Nationale" não podia faltar e Braunberger e "Les Films de la Pleiade" davam garantias. Embora Resnais já tivesse causado "amargos de boca" com **Les Statues** e **Nuit et Brouillard**, o Ministério achou que se podia fazer confiança ao autor de **Van Gogh, Gauguin** e **Guernica** para entrar na Biblioteca

Nacional. Desta vez, o filme não põs problemas de censura, mas houve certo mal estar perante uma obra que em nada se parecia com os documentários congéneres.

Toute la Mémoire du Monde começa expressamente sob o signo do cinema. Já no genérico são dominantes as imagens da câmara de filmar, dos microfones e dos projectores. Um *voyeur* entra na Biblioteca e "arremete" dentro dela nesses fabulosos *travelings* que durante o filme nos dão a impressão de tudo escavar e de tudo penetrar, arremetida imensa como mais tarde a havíamos de encontrar em **Marienbad**.

Escavar o quê? Penetrar o quê? Arremeter contra o quê? Contra o espaço da Biblioteca Nacional, mas sobretudo contra toda a memória nele convocada, como se coubesse ao olhar interrogar-se sobre a circulação possível nesses espaços e entre tantos livros e nós. E da massa imensa primeiro apresentada, entre as cúpulas metálicas, os vai-vens dos guardas e elevadores, destacam-se, como se fossem animados, alguns livros escolhidos por Resnais.

A sensação fortíssima que temos é a de estarmos numa prisão, prisão onde há muito jazem milhões de prisioneiros (os livros depositados) mas onde incessantemente entram novos. O próprio cinema se deixa aprisionar. Não é certamente por acaso que um dos livros mais filmados é uma revista de cinema dos anos 50, com Lucia Bosé na capa. O percurso desse último "prisioneiro" é o mais seguido, até que o vemos já numa prateleira, aguardando, com o sorriso enigmático da actriz, outro volume que o irá tapar. Cinema e banda desenhada. A outra paixão de Resnais é associada à revista de cinema, através do livro de Harry Dickson, que se lhe segue.

A memória faz medo. Tanto medo como a morte. E **Toute la Mémoire du Monde** é um filme singularmente necrófilo, como se o realizador descesse ao reino dos mortos, onde as fichas são fantasmas dos livros. Será mesmo a felicidade o que tantos leitores procuram sob aquele espaço? É esse o comentário final, mas este filme singularmente negro de nada parece mais longe do que dessa proclamada felicidade. Como a revista com a Bosé, a câmara é também um prisioneiro, gradeado nas malhas labirínticas de um espaço omnívoro que só pode prender toda a vida e prender-se a toda a vida.

João Bénard da Costa

Fotografias e viagens são o coração de **Si J'Avais Quatre Dromadaires**, título que alude a um poema de Apollinaire, citado no filme, e que fala precisamente da vontade de correr mundo, de correr o mundo todo – sabemos bem que Chris Marker se considerava um "viajante" antes de ser um "cineasta", e este filme, especificamente, trabalha documentos fotográficos captados em cerca de trinta países, da União Soviética a Cuba, da Coreia à Grécia. Declaradamente, é um filme sobre o "mistério" da fotografia, sobre o facto de tanto o fotógrafo como o observador (se é que, no caso de Marker, existe diferença) serem sempre "ultrapassados" pelo objecto fotográfico – e, portanto, como se lê numa inscrição contida no filme, se esse "mistério" é inalcançável e irresolúvel, resta "fingir que se o organiza". É esse o papel de Marker, "fingir que organiza" as suas fotos, montando-as numa sucessão que se justifica menos pelos "raccords" entre elas do que pela estrutura em diálogo da narração "off": mais do que "comentar" as imagens, é o diálogo que as "puxa" e que as aproxima, é pelo diálogo que se "finge" a sua "organização". O que se vê é uma espécie de outro

mundo – o mundo da arte, o mundo da arquitectura, insistentemente focado pelas imagens, a dar um sentido ainda mais abissal à ideia, também expressa no comentário “off”, de que a fotografia habita (e faz habitar) o “mundo dos duplos”. Mas nessa “duplicidade” a fotografia restitui, entre a maior limpidez e a maior obscuridade, um reflexo da vida. Essa vida surge marcada, na linha de muito do trabalho de Marker neste período (e de um modo geral, correspondendo a um “fluxo” intelectual dos anos 60, como outros filmes da época atestam), por uma leitura política do mundo, algures entre as aspirações revolucionárias e as frustrações delas decorrentes. E o “mundo dos duplos” é talvez o veículo ideal para revelar o espaço “entre”, como naquele segmento em que as imagens encontram a expressão sucinta para aquilo que o comentário “off” descreve como “pior do que a tirania”: a distância entre os que têm o poder e os que não o têm. De certa maneira, todo o filme de Marker se instala aí, nesse espaço, nessa distância.

Luís Miguel Oliveira